

**A CASA DE LINA E FRANCISCO:
IDEALIZAÇÃO DA CASA DE CULTURA DE PERNAMBUCO**

Andréa Gáti
Arquiteta e Urbanista – UFPE
Av. Bernardo Vieira de Melo, 2600/601 – Recife-PE, Brasil.
(81) 9145 3577 – gati-porto@uol.com.br

A CASA DE LINA E FRANCISCO: IDEALIZAÇÃO DA CASA DE CULTURA DE PERNAMBUCO

RESUMO

No ano de 1963 o artista plástico Francisco Brennand foi convidado pelo então governador do Estado de Pernambuco, Miguel Arraes, para chefiar a Casa Civil. Como principal meta, Brennand tinha o projeto de transformação da Casa de Detenção do Recife em Casa da Cultura de Pernambuco. A Casa de Detenção do Recife, projeto de 1855 do engenheiro Mamede Alves Ferreira, foi concebido segundo o modelo de penitenciária mais moderno existente na época, na França, o "panóptico radiante". O prédio, tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco em 1980, funcionou como penitenciária durante 118 anos. Francisco Brennand idealizou para o local um museu-escola de arte moderna e de arte popular, uma biblioteca especializadas nos mesmos assuntos e uma sala para concertos. Desejava-se associar as atividades culturais aos objetivos do desenvolvimento industrial, para que as criações da indústria brasileira fossem reconhecidas no estrangeiro como criações autenticamente nossas. Para ilustrar sua ideia, Brennand tomou como inspiração as Maisons de la Culture francesas. Através do adido cultural francês, Gilbert Braun, Brennand tomou conhecimento destes centros vivos de artes, concebidas por André Malraux. Tais casas foram projetadas para desenvolver atividades de formação cultural, com ênfase na cultura popular. A concepção projetual da reforma coube a arquiteta Lina Bo Bardi, representante do brutalismo brasileiro, pelo histórico de sua relação com a cultura e em especial o artesanato brasileiro. Brennand convidou Lina, pois se conheciam desde 1961, quando a pedido da arquiteta, Brennand expôs sua cerâmica no Museu de Arte Moderna da Bahia, cujo texto de apresentação, escrito pela própria Lina, questiona a autonomia da cultura brasileira. Em 1963, com a conclusão do restauro do Solar do Unhão, Lina funda o Museu de Arte Popular do Unhão, e planeja criar o Centro de Estudos e Trabalho Artesanal e a Escola de Desenho Industrial. Esta experiência é decisiva na escolha do nome de Lina, por Brennand. O presente trabalho tem por objetivo delinear e divulgar esta parceria entre Lina e Francisco, que por muitos é desconhecida, inclusive no meio acadêmico, e ainda, jogar luz sobre o tema para que seja o ponto de partida para uma pesquisa maior que busca o regate do tal projeto de Lina Bo Bardi. Por fim, apresentar de que forma a postura brutalista de Lina se representa numa intervenção de um edifício do patrimônio histórico. A pesquisa teve como base notícias de periódicos da época, documentos da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, órgão responsável pela salvaguarda de todos os documentos referentes à casa da Cultura de Pernambuco, consulta ao acervo do Instituto Bardi, assim como entrevistas a Francisco Brennand, Jorge Martins Jr, arquiteto chefe da equipe do governo, encarregado de estudar as transformações propostas e o prof. José Luiz da Mota Menezes, arquiteto e historiador envolvido na reforma da Casa da Cultura no ano de 1976. A pesquisa partiu da hipótese, de que a não execução da proposta de Lina Bardi pode ter transformado o destino da Casa da Cultura de Pernambuco, que hoje se encontra desvirtuado do seu propósito original. Assim sendo, é com pesar, que Brennand lamenta que o projeto implementado em 1974, não contempla em nada as idéias debatidas e propostas anteriormente, e critica a atual Casa Cultura como um local subutilizado e de venda de artesanato de baixa qualidade. Em entrevista recente, Brennand revelou que o projeto feito por Lina, foi visto pela última vez no seu gabinete da Casa Civil à época do golpe militar.

Palavras-chave: Lina Bo Bardi. Francisco Brennand. Casa de Cultura de Pernambuco.

ABSTRACT

In 1963 the artist Francisco Brennand was invited by the Governor of the State of Pernambuco, Miguel Arraes, to head the Civil House. His main goal was the project of the transformation of the House of Detention of Recife into the House of Culture of Pernambuco.

The House of Detention of Recife, was projected by the engineer Mamede Alves Ferreira, in 1855, it was designed following the most modern penitentiary model existing at the time, in France, the panoptic radiant. The building was considered Historical and Artistic Heritage of Pernambuco in 1980, it served as a prison for 118 years. Francisco Brennand idealized for the local a museum-school of modern and popular art, a library specialized in the same subjects and a concert hall. Wished to associate cultural activities to the objectives of our industrial development, so that the creations of the brazilian industry would be recognized abroad as authentic brazilian creations. Through the french attaché cultural, Gilbert Braun, Brennand heard about the Maisons de la Culture, an living-art center, which served as strong inspiration for his project. Idealized by André Malraux, such houses were designed to develop cultural training activities, with emphasis on popular culture. To plan the reform, Brennand invited the architect Lina Bo Bardi, representative of the brazilian

brutalism, because of her historical relationship with the culture and especially with the Brazilian handicraft. Brennand and Lina were already known because in 1961, by the invitation of Lina, Brennand exposed his ceramic art at the Museum of Modern Art of Bahia, whose presentation text, written by Lina, questioned the autonomy of Brazilian culture.

In 1963, with the end of the restoration of the Solar do Unhão, Lina founded the Museum of Popular Art of Unhão, and planned to create the Center for Studies and Craft Work and the School of Industrial Design. This experience was crucial in choosing Lina's name, by Brennand.

This research aims to disseminate this partnership between Francisco and Lina, who is unknown by many, even in the academia. And throw light on the subject, to be the starting point for a larger survey that seeks to find Lina Bo Bardi's project. And finally, to present how the posture of Lina's brutalism is shown as an intervention in a building of historic heritage. This study based on the news published on periodicals of the time, documentary research on the Foundation of Historical and Artistic Heritage of Pernambuco - the institute responsible for safeguarding all documents relating to the House of Culture of Pernambuco. And yet to consult the Institute Bardi, as well as interview Francisco Brennand and Jorge Martins Jr, chief architect of the government team in charge of studying the proposed changes. The main hypothesis of this paper is to demonstrate that the non-implementation of the plan proposed by Lina Bardi may have changed the destiny of the House of Culture of Pernambuco.

Brennand revealed in a recent interview that the project designed by Lina, was last seen in his office at the Civil House by the time of the military coup. He regrets that the project implemented in 1974, did not contemplate the ideas and proposals discussed earlier, and criticizes the current House of Culture as a local underutilized as a fair of low quality craft.

Keywords: Lina Bo Bardi. Francisco Brennand. Casa de Cultura de Pernambuco.

INTRODUÇÃO

A Casa da Cultura de Pernambuco, antiga Casa de detenção do Recife, aos 158 anos de idade, passa hoje por uma crise de valoração. Tem seu valor reconhecido por ser patrimônio tombado, no entanto, para a população não tem valor de equipamento cultural. Possivelmente em virtude do seu atual uso, como mercado de objetos voltado para o turista. A sociedade não se vê representada, e conseqüentemente não se apropria do local, que se encontra subutilizado e esquecido pelos recifenses (BRENNAND, 2013).

A ideia surgida em 1963 nas reuniões dominicais de um grupo de intelectuais na casa de Brennand previa a ocupação da Casa de Detenção do Recife por um equipamento cultural voltado para a população. Foi lá também que despontou o nome da arquiteta Lina Bo Bardi como ideal para materializar as idéias até então apenas debatidas. Esta pesquisa tem por objetivo delinear e divulgar esta parceria entre Francisco e Lina, que por muitos é desconhecida, inclusive no meio acadêmico. E ainda jogar luz sobre o tema para que seja o ponto de partida para uma pesquisa maior que busca o regate do tal projeto de Lina Bo Bardi. Pretende-se apresentar de que forma a postura brutalista de Lina se representa numa intervenção de um edifício do patrimônio histórico, e por fim, como principal hipótese, demonstrar que a não execução da proposta de Lina Bardi pode ter transformado negativamente o destino da Casa da Cultura de Pernambuco.

Este estudo baseado em notícias de periódicos da época, pesquisa documental na Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, órgão responsável pela salvaguarda de todos os documentos referentes à casa da Cultura de Pernambuco, consulta ao acervo do Instituto Bardi, assim como entrevistas a Francisco Brennand e a Jorge Martins Jr, arquiteto chefe da equipe do governo, encarregado de estudar as transformações propostas; e ainda o Prof. José Luiz da Mota Menezes, arquiteto e historiador envolvido na reforma da Casa da Cultura no ano de 1976.

Brennand revelou em entrevista recente que o projeto feito por Lina, foi visto pela última vez no seu gabinete da Casa Civil à época do golpe militar. Com pesar, lamenta que o projeto implementado em 1974, não contempla em nada as idéias debatidas e propostas anteriormente, e critica a atual Casa Cultura como um local subutilizado e de venda de artesanato de baixa qualidade.

Este artigo contém nas seções seguintes um breve histórico do edifício em "A Casa de Detenção", uma seção sobre a atitude brutalista de Lina, aqui chamada de "Brutalina", seguida da seção intitulada "Lina, Francisco e a Casa", que trata do projeto idealizado por ambos, seguido de "A casa hoje", a qual apresenta uma panorâmica da situação atual da Casa da Cultura, encerrando o artigo, as "Considerações Finais".

A CASA DE DETENÇÃO

Em 25 de abril de 1855 foi inaugurada a Casa de Detenção do Recife (figura 1) que funcionou como tal durante 118 anos. Tornou-se um monumento estadual tombado pelo Decreto nº 6.687, de 5 de agosto de 1980, e é considerada umas das maiores edificações do século XIX.



Figura 1: Casa de Detenção do Recife - 1904
Fonte: acervo FUNDARPE

As obras de construção da Casa de Detenção começaram em 1850, ocupando uma área de cerca de 1,5 hectare. Em 1855 recebe os primeiros presos, pois já havia sido concluído o raio do norte, as casas da administração e da guarda e a muralha, bem como dois torreões de entrada. Apenas em 1867 a obra foi inteiramente concluída, com a construção dos raios sul e leste e a varanda para o observatório central, onde havia também um santuário.

O projeto arquitetônico de Mamede Ferreira¹ para a Antiga Casa de Detenção do Recife segue o modelo panóptico, considerado o modelo mais avançado dos padrões de segurança carcerária da época. Tal modelo surgiu no final do Séc. XVIII, criado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, estudioso do sistema penitenciário que projetou uma prisão circular, onde um observador central poderia ver todos os locais onde houvesse presos. Foi também aplicado em manicômios, escolas e fábricas.

O terreno ao redor da Casa de Detenção foi ocupado por oficinas de marcenaria, serralharia, carpintaria e a fabricação de sapatos para ocupação dos presos e geração de renda para pagar os custos penitenciários.

A planta em forma de cruz (figura 2 e 3) do edifício facilitava a vigilância, pois permitia a visão de todos os corredores das celas, nos três blocos radiais (sul, leste e oeste). Dos quatro raios, três eram ocupados com celas de ambos os lados nos três pavimentos, e o raio norte era destinado à administração. Os raios eram ligados por passarelas estreitas em madeira, apoiadas por

“cachorros” de ferro fundido. No encontro dos raios na altura entre o segundo e o terceiro pavimento, fica o mirante da guarda, ou varanda (figura 4), determinado por uma cúpula hexagonal com estrutura em madeira e coberta em lâminas de chumbo.

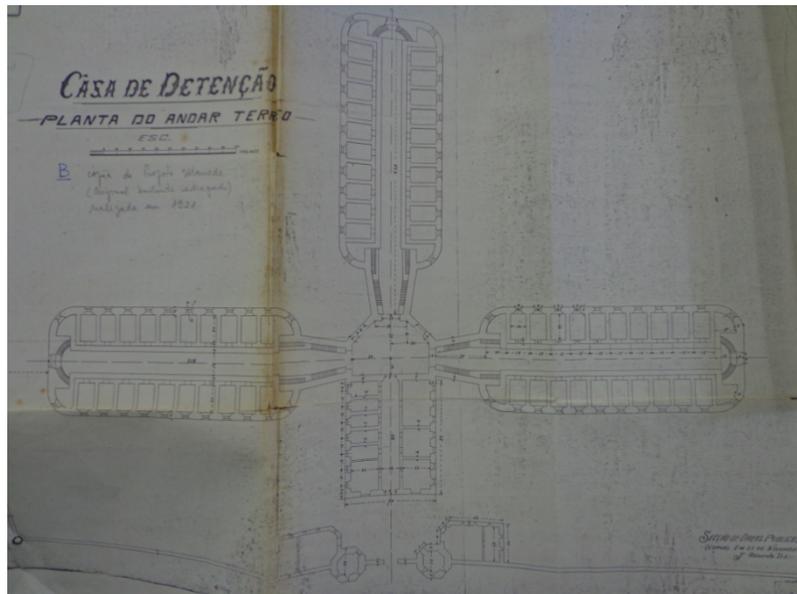


Figura 2: cópia da planta baixa Casa de Detenção do Recife - Projeto Mamede Ferreira.
Fonte: acervo FUNDARPE



Figura 3: Vista da Casa da Cultura de Pernambuco - 2012
Fonte: viagtur.blogspot.com



Figura 4: Mirante da guarda - Casa da Cultura de Pernambuco - 2013
Fonte: Helena Porto

A mudança da antiga Casa de Detenção para um centro cultural foi sugerida pelo artista plástico Francisco Brennand, que na época era o chefe da Casa Civil do Governo do Estado. A idéia - anunciada em 1963, na "Exposição Nordeste", que aconteceu no recém-restaurado Solar do Unhão, em Salvador, Bahia - era criar um museu-escola de arte moderna e popular, uma biblioteca de arte, um plano piloto para experiências artesanais e uma sala para concertos. O projeto de mudança foi elaborado pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, tendo como correspondente local, o também arquiteto, Jorge Martins Júnior, diretor do Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Públicos do Estado de Pernambuco.

A ideia de Brennand foi influenciada pelas "Maisons de la Culture", centros vivos de artes, projetadas para desenvolver atividades de formação cultural, com ênfase na cultura popular. Concebidas por André Malraux², tais casas tinham entre suas como metas a difusão da cultura e da arte, através da organização das grandes exposições. Para Malraux cabia ao Estado disponibilizar a arte e a cultura ao maior número de pessoas. Entre outras ações Malraux propôs a contratação de artistas de renome para obras públicas, como aconteceu no caso das abóbadas da Ópera de Paris e do Teatro do Odeon, e, autorizou o empréstimo da Vênus de Milo e da Joconda a museus estrangeiros. A primeira casa de cultura francesa é de 1961, os habitantes locais eram estimulados a se tornem 'sócios' da instituição possibilitando a participação em eventos, cursos, exposições, noites de gala, ensaios, teatro, cinema, biblioteca, tele-clubes, e ainda o jornal da Casa de Cultura.

André Malraux esteve em Brasília em 1959 participando do programa oficial de visitas e personalidades estrangeiras à Brasília organizado pelo Itamaraty. Estas visitas foram parte de uma estratégia de divulgação e popularização de Brasília. Malraux também visitou o Rio de Janeiro e São Paulo, onde pode falar em seus pronunciamentos sobre a importância

descentralização e democratização do acesso à arte. Gilbert Braun adido cultural francês radicado no Recife participava as idéias de Malraux e foi através dele que Brennan tomou conhecimento das Maisons. Ainda hoje esse empreendimento serve como referência à política cultural adotada pela França, e serve como símbolo da ação de Malraux no governo.

O governo do estado de Pernambuco aprovou a idéia de Brennan de uma casa para atividades culturais imaginando que nela poderiam ficar unidos o Instituto Arqueológico, o Museu do Estado e a Biblioteca Pública, e ainda áreas para exposição de pintura e escultura (CARRAZONE, 1997). No entanto, para Brennan o que se pretendia “era associar as atividades culturais aos objetivos do desenvolvimento industrial, para que as criações da indústria brasileira fossem reconhecidas no estrangeiro como criações autenticamente nossas”.

O presídio só foi fechado em 1973, os presos foram transferidos na sua maioria para a Penitenciária Agrícola da Ilha de Itamaracá ou para a antiga Colônia Penal da Macaxeira, a Penitenciária Prof. Barreto Campelo, reformada e ampliada. O então governador Eraldo Gueiros solicitou a elaboração de um novo plano de restauração do edifício da Casa de Detenção. Três anos depois, em 1976, é inaugurada a Casa de Cultura de Pernambuco (CARRAZONE, 1997). Segundo Brennan, no entanto:

“a Casa da Cultura realizada no governo do Dr. Eraldo Gueiros foi entregue a outros arquitetos e outros ideólogos, isto quer dizer que todos os propósitos foram diametralmente opostos ao que pensávamos. Articulamos um museu do desenvolvimento brasileiro e não um museu antropológico como é o caso do realizado por esse novo grupo” (BRENNAND, 2013).

Com o fechamento da Detenção, os documentos penitenciários se dispersaram, mas o material voltou a ser reunido em 1982, por iniciativa do Arquivo Público Estadual (órgão hoje responsável pela guarda, manutenção e processamento técnico do mesmo). O acervo, formado por 2.401 volumes de documentos administrativos e/ou históricos encadernados e 4.705 fichas de detentos, foi classificado e está disponível para consulta ao público na sala Mamede Ferreira, no raio oeste.

BRUTALINA

Para a concepção projetual da reforma, Brennan convidou a arquiteta Lina Bo Bardi, pelo histórico de sua relação com a cultura e em especial o artesanato brasileiro. Brennan e Lina já se conheciam, pois em 1961, a pedido de Lina, Brennan expôs sua cerâmica no Museu de Arte Moderna da Bahia, cujo texto de apresentação, escrito pela própria Lina, questiona a autonomia da cultura brasileira.

Em 1963, com a conclusão do restauro do Solar do Unhão, Lina funda o Museu de Arte Popular do Unhão, e planeja criar o Centro de Estudos e Trabalho Artesanal e a Escola de Desenho Industrial. Esta experiência é decisiva na escolha do nome de Lina, por Brennan.

Lina Bo Bardi, já era nesse período um dos nomes mais representativos do brutalismo brasileiro, além dos seus projetos de arquitetura, desenho de mobiliário, expografia, tem no seu currículo

atuações na restauração do patrimônio arquitetônico.

A arquitetura brutalista surge a partir do movimento moderno depois da segunda guerra mundial e pode se dizer que perdurou até meados das décadas de 50 e 60. O brutalismo tem como característica principal, a verdade estrutural das edificações. Os elementos estruturais como vigas e pilares, sejam perfis metálicos ou em concreto, são expostos de forma crua, no caso do concreto armado aparente deve exibir a memória da forma, e passam a ser elementos de destaque. Os elementos "inacabados" de uma construção também são valorizados. A arquitetura brutalista critica o excesso de ornamentação e finalização numa edificação.

Buscou-se identificar características do brutalismo nas atuações de Lina na restauração do patrimônio arquitetônico, tanto na sua produção prática quanto teórica. Destacam-se na produção projetual o Solar do Unhão (1962-1963), o SESC Pompéia (1977-1986) e Palácio das Indústrias (1990-1992). Muitos dos seus textos relativos ao tema estão publicados em "Lina por escrito", 2009.

Pela proximidade espaço-temporal, ressaltamos a análise dos procedimentos de restauro feitos em Salvador. No Solar do Unhão, Lina encontrou um conjunto arquitetônico do século 17, formado por um complexo agro-industrial com casa-grande, capela, senzala, armazéns e cais, completamente abandonado. "Nos seus primeiros contatos com esse conjunto arquitetônico ela se detém nas peças industriais ali remanescentes tais como o guindaste, os monta-cargas, os trilhos, os galpões industriais anexados ao conjunto no século XIX" (BIERRENBACH, 2003). O conjunto do Unhão é importante por representar um dos primeiros exemplos no Brasil de Arqueologia Industrial - ciência que estuda os espaços, métodos e maquinário utilizados no processo industrial³.

A diretriz dada na intervenção aponta para ressaltar os aspectos estruturais de cada uma das edificações. No entanto, é o método utilizado que justifica sua postura de poucas interferências no conjunto. Nas palavras da própria arquiteta: "O conjunto do Unhão foi restaurado de acordo com o método da restauração crítica (...) que mantém todo conteúdo poético do monumento e procura integrá-lo à vida moderna" (BIERRENBACH, 2003). Contudo defende que a inserção de elementos contemporâneos é fundamental para marcar mais uma etapa pela qual a edificação passou, para expor o caráter atual do restauro, no caso o Unhão isso se dá com a inserção da escada helicoidal em madeira, executada em encaixe.

Para Lina, todos os momentos vividos pelo edifício tem que ser levados em consideração, no caso de transformações sofridas no patrimônio, estas devem ser evidenciadas - é a chamada verdade brutalista, a verdade "da estrutura" do brutalismo corresponde à verdade do "espírito do edifício" valorizada por Lina nas suas restaurações.

LINA, FRANCISCO E A CASA

O projeto para a Casa da Cultura seria na verdade uma colaboração em equipe. Para dar suporte

ao projeto arquitetônico de Lina, a equipe contava com a participação do arquiteto Jorge Martins Jr. que "agiu como intérprete local dos pensamentos de Lina, pois ela não poderia passar longos períodos no Recife" (BRENNAND, 2013), com o antropólogo Lívio Xavier, encarregado das pesquisas que fundamentaram o projeto, e o poeta e crítico de arte César Leal, que teorizou as idéias debatidas.

Em conferência proferida a convite do sociólogo Gilberto Freyre, em 1977, no Seminário de Tropicologia, intitulada "Cultura Brasileira: Historicidade e Mito", Brennand apresenta o cerne da orientação que desejava imprimir à Casa da Cultura:

"Devemos desenvolver uma consciência de valores para que saibamos distinguir e compreender a importância dos motivos nacionais, sem nos prendermos a elementos puramente folclóricos de nosso contexto geopolítico ou aos estilos e formas popularizados, porque um povo só impõe sua marca cultural a outros povos quando sabe dar aos seus núcleos culturais de origem popular, uma dimensão intelectual universalizante". (BRENNAND, 1977).

Convidada por Francisco Brennand, Lina viajou ao Recife para conhecer a Casa de Detenção. Acompanhada pelo próprio Brennand e pelo arquiteto Jorge Martins Jr., a arquiteta caminhou pelos raios da edificação, um tanto quanto restritamente, pois os presos ainda habitavam o edifício. Admirada com magnitude da edificação, seguiu a visita "desenhando" a planta falada. Defendeu a mínima intervenção na estrutura do edifício e sugeriu que se pendurassem naquele espaço criado pelo pé direito quádruplo máquinas e automóveis - numa referência ao tempo presente e principalmente para explicitar o desenvolvimento industrial no Brasil. (MARTINS, 2013). Para Lina o artesanato deveria estar em consonância com a indústria, o que ela chamou de "arte industrial" (RUBINO, 2009).

Também surgiu a idéia de preservar uma das celas originais como memória da antiga detenção, idéia que foi mantida até hoje, na cela de número 106 (figura 5). Em depoimento, o Prof. Jorge Martins Jr. disse haver um engenheiro americano que certa vez em visita ao local comentou que não se conformava com a idéia de transformar um lugar com tantas energias negativas em um centro de cultura, achava que só mesmo no Brasil isso poderia acontecer. E aconteceu. Simbolicamente, a liberdade representada pela arte e pela cultura tomara o edifício.



Figura 5: cela 106 - 2013
Fonte: Helena Porto

"Os critérios de seleção dos elementos a serem preservados vão além dos aspectos formais e materiais. É importante ater-se aos homens que se utilizaram do patrimônio construído. É a presença humana que fornece o substrato de cada restauração. Cada edifício é um reservatório de vida, testemunho do trabalho das homens e da solidariedade transmitida entre eles. Para Lina, restaurar é um ato de responsabilidade social" (BIERRENBACH, 2003).

Sobre o projeto arquitetônico, o relato de Brennand revela que:

"o trabalho final desse projeto de D.Lina, só ficou pronto às vésperas dos acontecimentos de março de 1964. Nem eu posso descrever as peculiaridades do projeto. Posso afirmar que estruturalmente não houve quaisquer modificações, quer sejam internas ou externas (...) trabalhamos durante quatro meses, quando pela mesma razão que fez Lina abandonar o Museu do Artesanato, em Salvador, a nossa pretensão foi atirada por água abaixo, em março de 1964. Contudo, os projetos arquitetônicos de D. Lina para a reforma geral da Casa de Detenção ficaram em cima da mesa do meu gabinete da Casa Civil do governo e de lá, como soube, vieram a desaparecer. "Passou-se muito tempo, e só entre os anos de 1971/1975, no governo do Dr. Eraldo Gueiros, esse projeto foi retomado, embora não levando em conta absolutamente nada daquilo que nós havíamos planejado, incluindo o notável projeto de reforma de D. Lina, do qual infelizmente, nada posso dizer sobre o seu destino. "

Numa consulta feita ao Instituto Bardi em abril de 2013 sobre a existência do projeto no acervo, obtive, após dois meses de pesquisa em plantas e croquis, a seguinte resposta:

"Realizamos uma busca em nosso acervo que retornou dois documentos. Um é uma entrevista incompleta em cópia datilografada, e o entrevistado é Francisco Brennand, discorrendo sobre o que seria a Casa da Cultura, e cita Lina Bo Bardi e sua experiência no Solar do Unhão. O outro documento é datilografado, com inscrições a caneta, que traz em seu texto uma proposta de exposição a se realizar na Casa da Cultura de Recife. Seria a Exposição Nacional das Artes, ou Bienal Nacional da Cultura. Não foram encontrados esboços ou plantas de qualquer projeto de reforma para a Casa da Cultura." (LAZZARESCHI, 2013).

A CASA HOJE

A Fundarpe - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco foi criada em 1973 pelo então governador Eraldo Gueiros com a missão de incentivar a cultura e preservar os monumentos históricos e artísticos do estado. Desde então, a Casa de Detenção futura Casa da Cultura passa a ser de responsabilidade do órgão. Com a retirada dos presos em 1973, a casa ficou completamente liberada para as reformas e obras de manutenção necessárias para atender a nova finalidade. Coube, portanto, à equipe de arquitetos da Fundarpe, a restauração e o aparelhamento do edifício, com projeto de Fernando de Barros Borba e José Luiz Mota Menezes.

O início das obras se deu em 1974, e foi até 1977. Em caráter emergencial, a cúpula original em estrutura de madeira foi retirada devido à deterioração causada por cupins na sua estrutura, no entanto, foi reconstruída em perfis de alumínio. Entre as ações de restauro e manutenção também foram feitas a recuperação das grades das celas, que se encontravam corroídas. E ainda, como medida preventiva contra incêndio, todo madeiramento da cobertura foi retirado e refeito em concreto, assim como o assoalho em madeira existente nas celas. Foi necessário reabrir as portas existentes no final de cada um dos raios, pois eram lacradas. E por fim, foram substituídos todos os consolos em madeira que sustentavam as circulações dos pisos superiores, por “cachorros em ferro”, tal qual tinham sido projetados por Mamede Ferreira, mas que no entanto só haviam sido executados em uma das alas. Segundo depoimento do Prof. Menezes, nesta reforma foram instalados em cada primeira cela em relação ao centro, de cada ala, um elevador para facilitar o acesso aos lojistas e atividades nos pavimentos superiores que seriam prejudicados com a dificuldade de acesso que só podia ser feita através das escadas, íngremes e estreitas.

A equipe da Fundarpe também criou um chamado “Projeto de Ocupação” o qual previa a distribuição das lojas de acordo com os produtos comercializados em igual proporção para cada raio. E ainda destinava a área do terceiro pavimento para cinemas, teatros e ateliês artísticos abertos ao público. Em ação que marca o início das atividades ligadas às artes no espaço, foi realizado em agosto de 1975, mesmo durante a restauração do prédio, o II Salão de Arte Global de Pernambuco.

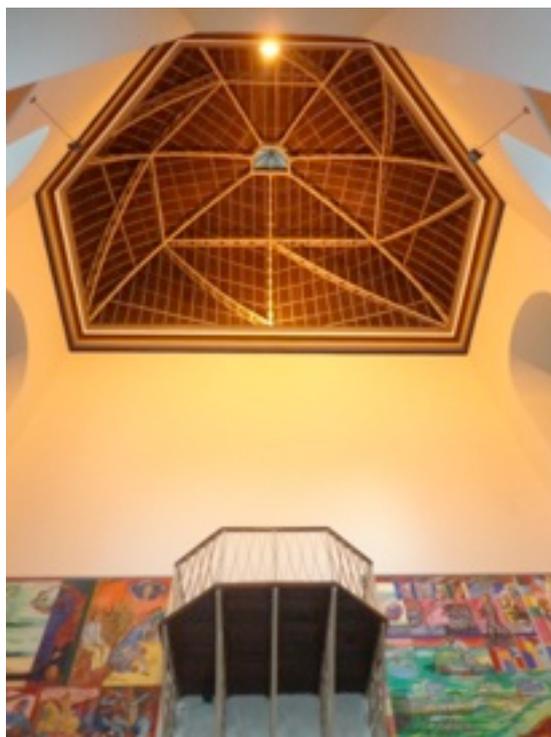


Figura 6: Cúpula - Casa da Cultura de Pernambuco - 2013
Fonte: Helena Porto

A inaugurada no dia 14 de abril de 1976, a Casa da Cultura hoje é um centro de cultura regional com área construída de 8.400m² é ponto turístico obrigatório da cidade. Suas antigas celas foram transformadas em lojas num total de 110, voltadas para a venda de artesanato. Há um espaço para shows e representações folclóricas regionais, o Teatro - Clênio Wanderley (50 lugares), o Palco Nelson Ferreira, há salas de documentação - Sala Jota Soares e Sala Mamede Ferreira e ainda o Museu do Frevo. Apesar de não contemplar nenhuma das idéias originais de 1963, a Casa da Cultura ficou conhecida como um dos primeiros locais de valorização do artesanato na capital pernambucana, no entanto o que se configurou havia notadamente uma ênfase na sua comercialização.

Em 2004 houve mais uma reforma em que foi recuperada toda a área externa e as instalações hidráulicas e elétricas. E ainda, foram retirados os elevadores antigos e instalados três elevadores panorâmicos, no centro da circulação de cada raio (figura 9), fato que causou bastante polêmica entre os arquitetos que temiam a descaracterização do projeto arquitetônico original.

No segundo governo de Miguel Arraes (1987/1990) através do secretário estadual de cultura Ariano Suassuna, Brennan é consultado sobre as cores que deveriam ser utilizadas no edifício: "para o exterior utilizei alguns ocres e cinzas, e um tom metálico para a cúpula. No interior penumbroso da antiga prisão, permaneceu o branco com grades pintadas de grafite." Percebe-se hoje na Casa da cultura duas realidades diversas, uma externa e outra interna. Externamente possui uma boa manutenção, mantém-se bem pintada, bem iluminada e possui jardins bem cuidados (figura 7 e 8). Todavia internamente o que se vê hoje é uma completa falta de padronização nas lojas em relação à pintura das grades e paredes, assim como em relação aos



Figura 7: Acesso principal - Casa da Cultura de Pernambuco - 2013
Fonte: Helena Porto



Figura 8: vista externa - Casa da Cultura de Pernambuco - 2013
Fonte: Helena Porto

pisos utilizados: madeira, cerâmica, porcelanato; e em especial em reação ao ocultamento da abertura da janela com grade que caracterizava cada cela/loja - algumas fechadas com esquadrias de alumínio, outras com painéis de madeira, muitas são climatizadas (figura 10 e 11). A descaracterização do espaço interno é determinada pelo desvio de uso que cada uma das celas/lojas tomou, muitas deixaram de vender artesanato, passando a ser comercializado o que hoje se chama de “industriano” - objetos produzidos em série em processos semi-industriais, porém utilizando mão de obra artesanal (SCHULKA, 2009).



Figura 9: elevadores – vista interna da Casa da Cultura de Pernambuco - 2012
Fonte: AC Costa

Há ainda, lanchonetes, joalherias, sedes de sindicatos e associações, etc., poucos são realmente os representantes do verdadeiro fazer manual popular. Assim sendo, e por envolver muitas questões políticas e sociais com os locatários dos espaços, que fazem piada relativa aos entraves burocráticos, e se dizem os atuais "presos" da casa da cultura, o governo decidiu partir para um novo projeto para a valorização do artesanato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito da trajetória histórica da Casa da Cultura de Pernambuco ligada ao artesanato, o governo do estado de Pernambuco inaugura em 2012 o Cape - Centro de Artesanato de Pernambuco (figura 12), como parte do projeto Porto Novo obra de revitalização do centro histórico do Recife. Localizado em frente à Praça do Marco Zero da cidade, ocupa um armazém de açúcar do antigo porto do Recife do início do século XX.

Com isso, perde-se a oportunidade de um projeto de requalificação e revalorização que devolvesse a Casa sua importância e referência de ter sido o primeiro local dedicado ao artesanato da capital pernambucana, que hoje se encontra desvirtuado do seu propósito cultural inicial.

Para o prof. José Luiz Menezes, perdeu-se a “relação afetiva” da população em relação ao edifício, o “conceito de pertencimento” deixou de existir, desde o esvaziamento residencial do bairro de São José, dado pela abertura da Av. Dantas Barreto, executado com o intuito de modernização da área no ano de 1973. Assim sendo, a edificação passa a pertencer aos turistas, o que se entende, por não pertencer a ninguém, pois o turista por falta de vínculo com a cultura e a tradição local, se relaciona com o patrimônio de forma efêmera. Faz-se necessário o restabelecimento da ligação entre o bem cultural e a sociedade, fortalecendo a identificação do bem com a comunidade, que permitem ao mesmo tempo realizar o elo entre passado e presente,

com isso recupera-se o sentimento de pertença e se estabelece o compromisso com a sua continuidade histórica.

Na medida em que a Casa da Cultura funciona como mercado de objetos para turistas perde-se também o referencial cultural do edifício e faz-se acreditar que a não execução da proposta de Lina Bardi pode ter transformado negativamente o destino da Casa da Cultura de Pernambuco.



Figura 10: Lojas da Casa da Cultura de Pernambuco - 2013
Fonte: Helena Porto



Figura 11: Lojas da Casa da Cultura de Pernambuco - 2013
Fonte: Helena Porto



Figura 12: o novo centro de artesanato de PE, o CAPE– 2012
Fonte: viagtur.blogspot.com

NOTAS

1 : José Mamede Alves Ferreira foi um engenheiro pernambucano (Recife,1820/1865). Bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra, exerceu o cargo de engenheiro de Obras Públicas do Recife. Além da casa de Detenção do Recife, tem entre seus principais projetos: Ginásio Pernambucano, Cemitério de Santo Amaro, Hospital Pedro II, Casa de Detenção do Recife, Casario da Rua da Aurora, todos no Recife.

2 : escritor francês que participou do governo do general Charles de Gaulle como ministro da Cultura entre 1958 e 1969.

3 : Na arqueologia, o estudo das fábricas, moinhos, máquinas a vapor, estradas de ferro etc. desenvolvido sob o cunho de arqueologia industrial, surgiu na Inglaterra, na década de 1950, quando Donald Dudley, um latinista da Universidade de Birmingham, começou a organizar visitas dos seus estudantes a antigas instalações industriais na região, prática que foi seguida por amadores preocupados com a preservação dos antigos vestígios da industrialização e que acabou por abrir um novo campo de investigação centrado no conhecimento dos aspectos materiais da Revolução Industrial (THIESEN,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Christine. **Entre a arte e a ação: cultura, museus e patrimônio nos discursos de André Malraux**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BIERRENBACH, Ana Carolina. **Os restauros de Lina Bo Bardi: inspirações para a preservação da Arquitetura do Movimento Moderno**. In: 5º Docomomo Brasil, 2003, São Carlos. Disponível em: <www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/012R.pdf>. Acesso em 26 jul.2013.

BRENNAND, Francisco. **Cultura Brasileira: Historicidade e Mito**. In: Seminário e Tropicologia. Recife: Revista Pernambucana de Desenvolvimento, v. 4, n.1, 1977.

BRENNAND, Francisco. **Francisco Brennand: depoimento** [abr. 2013/mai.2013]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2013. 2 cassete sonoro (120 min.)

CARRAZONE, Érica. **Brennand e a Casa da Cultura**. Suplemento Cultural D.O PE, Recife, ano 10, p. 9, jan. 1997.

GASPAR, Lúcia. **Casa da Cultura (Recife, PE)**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

LAZZARESCHI, Vivian. **Documentação Casa de Cultura de Pernambuco** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <pesquisa@institutobardi.com.br> em 20 jun.2013.

LEAL, César. **Como surgiu a idéia da Casa da Cultura. Recife, PE**. Governo do Estado de Pernambuco, ano1, mar.1983.(Patrimônio Cultural de Pernambuco).

MARTINS JÚNIOR, Jorge. **Jorge Martins Júnior: depoimento** [jul. 2013]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2013. 1 cassete sonoro (60 min.)

MENEZES, José Luiz da Mota. **José Luiz da Mota Menezes: depoimento** [ago. 2013]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2013. 1 cassete sonoro (60 min.)

MOTA, Mauro. **Alguns informes sobre a Casa da Cultura. Recife, PE**. Governo do Estado de Pernambuco, ano1, mar.1983.(Patrimônio Cultural de Pernambuco).

PEREIRA, Juliano Aparecido. **A ação cultural de Lina Bo Bardi na Bahia e no Nordeste:1958-1964**. Uberlândia: Edufu, 2007.

RUBINO, Silvana; GRIMOVER, Marina. **Lina por escrito**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
THIESEN, Beatriz Valladão. **Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais que uma questão de abrangência**. Disponível em Revista Eletrônica do Iphan; <www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=161>. Acesso em: 31 jul. 2013.
SCHULKA, Jordana Paula. **Introdução ao Artesanato**. SC: UNISUL, 2009. <http://issuu.com/jordana_schulka/docs/origens_do_artesanato>. Acesso em 9 ago. 2013.